



Viva a frente de luta comum do proletariado egípcio e alemão na frente de luta global do proletariado mundial!

Sobre a unidade dialética da luta comum do proletariado egípcio e alemão

**Escrito por Wolfgang Eggers
em 27 de setembro de 2019
por ocasião da segunda onda da revolução egípcia**

A vitória da revolução socialista no Egito baseia-se na quebra da contra-revolução e do Estado fascista pela classe trabalhadora em aliança com os camponeses pobres!

A vitória da revolução socialista no Egito será assegurada e reforçada pelo estabelecimento da ditadura do proletariado egípcio.

Isso requer não apenas o apoio solidário da classe trabalhadora em todos os países árabes, mas também o apoio da classe trabalhadora nos países imperialistas e de todo o mundo proletariado.

Assim como a revolução socialista mundial é baseada na revolução socialista de todos os países, a contra-revolução globalizada também deve ser derrotada na luta comum da classe trabalhadora nos países individuais.

A contra-revolução no Egito é apoiada e dirigida globalmente pela contra-revolução do imperialismo mundial. Então, se você quer esmagar a contra-revolução no Egito, você tem que cortar seus laços com a contra-revolução internacional, a luta deve ser travada não só contra a contra-revolução egípcia, mas contra a contra-revolução globalizada, contra o imperialismo mundial. O proletariado egípcio não pode realizar essa tarefa sozinho, não sem o apoio de todo o proletariado mundial. Para isso, o proletariado egípcio precisa de recursos globais, que recebe através da solidariedade de todo o proletariado mundial. O proletariado egípcio não está sozinho na luta contra o imperialismo mundial, que explora e oprime o Egito.

O proletariado egípcio forma uma frente comum com o proletariado mundial. O proletariado egípcio luta contra a influência do imperialismo mundial em seu próprio

país, enquanto ao mesmo tempo o proletariado mundial luta contra a influência do imperialismo mundial no Egito de fora. Esta é a dialética da frente mundial proletária do Comintern (SE) contra o imperialismo mundial.

Nesta luta globalizada contra o imperialismo mundial e sua contra-revolução globalizada, o Comintern (SE) depende principalmente de suas seções, que criam a frente proletária comum de seu próprio país. Esta frente comum é bilateral em forma, mas uma frente internacionalista em conteúdo, a participação de uma Seção da frente mundial proletária centralmente organizada.

Neste sentido geral:

Viva a frente de luta comum do proletariado egípcio e alemão na frente de luta global do proletariado mundial!

Não se pode esmagar o imperialismo alemão sem esmagar sua influência no Egito, sem finalmente impedi-lo de explorar e suprimir o povo egípcio. Ao mesmo tempo, o imperialismo alemão será ainda mais facilmente derrotado se não puder mais se fortalecer através do saque de povos estrangeiros. A derrubada do imperialismo alemão é, portanto, de interesse comum para as classes trabalhadoras egípcias e alemãs, das quais resulta a formação de sua frente de luta comum contra o imperialismo alemão.

A libertação do povo egípcio e alemão do imperialismo alemão é a tarefa conjunta do proletariado egípcio e alemão sob a liderança das seções egípcia e alemã do Comintern (SH). No entanto, as duas seções só podem resolver com sucesso essa tarefa comum sob a liderança central do Comintern (SH), que reúne os dois departamentos do proletariado mundial e os integra ao grande exército mundial proletário. A vitória da revolução socialista mundial sobre o imperialismo mundial também significa uma vitória sobre o imperialismo alemão, significa o fim da exploração e opressão do povo egípcio pelo imperialismo alemão. Da mesma forma, a exploração e opressão do povo egípcio por todos os outros imperialistas do mundo será combatida da mesma forma, eliminada e assim encerrada.

Este artigo é especificamente sobre a luta contra o imperialismo alemão, um dos muitos inimigos imperialistas da classe trabalhadora egípcia e dos camponeses pobres egípcios.

Os imperialistas alemães fazem parte da ordem mundial imperialista e apoiam a contra-revolução no Egito.

Para o Comintern (SE), o internacionalismo proletário sob as condições da globalização significa que suas seções se unem em uma luta comum. Assim como a seção egípcia luta contra o fascismo em seu país, então a seção alemã luta em seu país contra o apoio do regime fascista no Egito pelos imperialistas alemães. A questão é construir uma frente mundial anti-imperialista e antifascista comum na qual as classes trabalhadoras egípcias e alemãs se unam para formar uma frente de luta.

Lutemos juntos contra os interesses predatórios do imperialismo alemão no Egito!

A República Federal da Alemanha apoia a ditadura fascista de Al-Sissi no Egito.

O aparato repressivo do Egito é notório por tortura brutal e o desaparecimento de pessoas impopulares. Os fascistas egípcios sugam o sangue do povo egípcio e os imperialistas alemães lucram com isso. O Estado fascista egípcio tem sido apoiado por Berlim e pela UE há anos - também especialmente em nome da política imperialista de refugiados da Alemanha.

Policiais alemães treinam seus colegas egípcios e os equipam com todos os tipos de equipamento militar. Os serviços secretos egípcios cooperam estreitamente com as agências alemãs. Os conselheiros do governo alemão sabem por si mesmos que a ajuda alemã à repressão do Egito não domará a revolução egípcia, mas acelerará a resistência das massas e o início da próxima onda da revolução egípcia.

Uma das razões é o aumento dramático da pobreza. De acordo com dados oficiais do governo, 33% dos cerca de 100 milhões de egípcios vivem atualmente abaixo da linha de pobreza; Em 2015, eram 28%. No entanto, os números são considerados muito baixos; Em abril deste ano, o Banco Mundial assumiu que 66 milhões de egípcios eram pobres ou pelo menos em risco de pobreza. A eliminação dos subsídios e um aumento significativo no preço dos combustíveis e dos alimentos básicos têm alimentado maciçamente a indignação, especialmente entre os jovens. Além disso, há uma raiva generalizada sobre a corrupção desenfreada. Os jovens são particularmente afectados e, portanto, estão na vanguarda da revolução. Falamos de uma nova geração de revolução após a de 2011.

Repressão brutal da polícia fascista e do aparato militar que é o maior e mais moderno em toda a África.

Até agora, a violência brutal com que o governo sob o líder fascista Al Sisi vem segurando toda a oposição desde 2013 havia evitado grandes protestos - apesar da crescente raiva entre a população. Qualquer um que expressar críticas será preso. Tortura e arbitrariedade policial são a ordem do dia. De fato, de acordo com informações de organizações de direitos humanos, cerca de 60.000 pessoas foram detidas por razões políticas desde o golpe militar em julho de 2013; Centenas foram condenadas à morte em julgamentos politicamente motivados. Somente entre julho de 2013 e agosto de 2018, mais de 1.500 pessoas desapareceram da custódia do Estado. O destino deles é desconhecido. A morte do jornalista italiano Giulio Regeni, de 28 anos, que foi encontrado morto no Cairo em 3 de fevereiro de 2016, ainda não foi esclarecida; seu corpo tinha traços de tortura, que são típicos das forças repressivas egípcias. Mesmo após a última sexta-feira, o governo do Cairo reagiu com violência: activistas de direitos humanos do Egito relataram prisões em massa; o Centro Egípcio de Direitos Económicos e Sociais já documentou mais de 1.000 casos. Muitos deles podem, portanto, esperar acusações de suposta adesão a uma "organização terrorista". O Egito é uma prisão das classes oprimidas e exploradas.

O governo alemão apoia sistematicamente o governo fascista de Al Sisi - e o faz há anos. A chanceler Ângela Merkel recebeu o governante egípcio pela primeira vez no início de junho de 2015 na capital alemã; A visita, que foi acompanhada por protestos, supostamente ajudou Al Sisi a polir a reputação internacional severamente danificada do governo egípcio após o golpe militar do Cairo de 3 de julho de 2013 e os massacres subsequentes nos quais mais de 3.000 civis foram supostamente mortos. Mesmo assim, o governo federal também estava em processo de expansão de sua cooperação com o aparato repressivo do Egito. Tratava-se particularmente de cooperação policial bilateral. A principal razão para isso foi a intenção do governo alemão de envolver o Cairo na deportação de refugiados da UE. Ao mesmo tempo, iniciou-se a expansão das relações econômicas. O chefe da Siemens, Joe Kaeser, assinou um acordo em 3 de junho de 2015 com a presença de Al Sisi e do então ministro federal da Economia, Sigmar Gabriel, para expandir o suprimento de energia egípcio doente. Isso não foi visto apenas como uma contribuição para a consolidação do governo do Cairo; Com um volume de 8 bilhões de euros, foi o maior negócio de usinas na história do grupo Siemens.

... com "ajuda" alemã

Em particular, Berlim tem continuamente reforçado a cooperação na repressão desde então. O objetivo ainda é apoiar a polícia fronteiriça egípcia na repulsa dos refugiados. Por exemplo, o governo federal criou um "oficial de ligação policial de fronteira" na embaixada alemã no Cairo e organizou cursos para policiais de fronteiras egípcios. Além disso, a Polícia Federal prestou oficialmente assistência ao equipamento para a polícia egípcia. A última vez que a polícia fronteiriça egípcia recebeu telefones satélites e dispositivos GPS foi em março de 2019. Além das autoridades alemãs, a agência de deportação de refugiados Frontex também trabalha com o Cairo - a nível da UE. O quadro oficial para isso é o chamado diálogo migratório, que a UE e o Egito começaram em 16 de dezembro de 2017 e que entraram em seu segundo turno em 25 de junho de 2019. A cooperação com a repressão vai claramente além da legalidade da política conjunta de refugiados. O governo federal confirmou que há estreita cooperação com o serviço secreto do Egito GIS (Serviço Geral de Inteligência), que até enviou oficialmente um oficial de ligação para a capital alemã. Por último, mas não menos importante, o Egito foi um dos maiores clientes da indústria armamentista alemã em 2016 e 2017 - tudo o que os trabalhadores e camponeses egípcios tiveram que pagar do bolso.

Com 7,1 bilhões de dólares americanos, a Alemanha já é o maior credor do Cairo atrás de organizações internacionais (28,4 bilhões de dólares americanos) e das monarquias do Golfo (23,1 bilhões de dólares americanos).

Além disso, Al Sisi fez inimigos em seu próprio campo fascista. Aqueles que tiveram o governo de Al Sisi preso incluem ex-detentores de cargos estatais líderes, incluindo ex-oficiais militares de alto escalão. Estas forças opositoras no campo dos inimigos da classe egípcia estão interessadas em derrubar Al-Sisi a fim de se colocarem no poder. Como já é o mesmo com Mubarak, os militares querem aproveitar as massas rebeldes para seus próprios carrinhos fascistas. Os

imperialistas alemães estão interessados em ter paz e ordem no Egito para que possam obter lucros sem serem perturbados. O apoio ao fascismo no Egito é um tiro pela culatra para o governo alemão: quanto mais os imperialistas alemães apoiam o regime fascista, mais eles desencadeiam a revolução egípcia e, assim, colocam em risco seus próprios negócios no Egito. Ao mesmo tempo, o governo federal está organizando sua ofensiva de relações públicas, com a qual os alvos ocidentais da revolução no mundo islâmico estão sendo promovidos. "Apoie" a "Primavera Árabe" apenas em palavras e, em ações, é apenas para o propósito de maximizar o lucro!

No ano passado, o governo alemão aprovou o recorde de exportações de armas para o Egito. Como confirmado pelo governo, o valor dos compromissos assumidos em 2017 foi de cerca de 428 milhões de euros. Cairo receberá, entre outras coisas, submarinos fabricados pela ThyssenKrupp Marine Systems. As entregas são feitas apesar das alegações de graves violações dos direitos humanos contra o regime militar egípcio. A Marinha egípcia também apoia a guerra travada por uma coalizão liderada pela Arábia Saudita contra o Iémen. A coalizão também continuará armada com armas alemãs. As exportações de armas para os Emirados Árabes Unidos foram recentemente expandidas apesar da catástrofe humanitária na qual estão mergulhando o Iémen. O governo alemão desrespeita suas próprias leis, ou seja, que o governo é proibido de exportar armas alemãs para áreas de crise.

O Egito é o local de negócios alemão mais importante no continente africano, depois da África do Sul. Empresas alemãs, como a Siemens, querem se beneficiar de novos projectos de infra-estrutura com pedidos no valor de bilhões. Os negócios são importantes, até porque poderiam fortalecer significativamente a posição da Alemanha no Egito - contra a crescente influência, sobretudo, da Rússia. Moscou intensificou significativamente sua cooperação com o Cairo nos últimos dois anos, incluindo apoiar a construção de uma usina nuclear egípcia e expandir a cooperação com as forças armadas egípcias.

Um acordo policial entre os dois países está em preparação e cursos de treinamento conjunto estão sendo realizados. Por último, mas não menos importante, as medidas visam impedir a chegada de refugiados à Europa. A tentativa do governo alemão de restabelecer a cooperação com o Cairo é o mais recente passo de uma série de tentativas fracassadas de obter maior influência sobre o Egito, um país-chave no Oriente Médio. A cooperação da República Federal com o regime mubarak terminou quando foi derrubada. Sua colaboração com a Irmandade Muçulmana Egípcia terminou em 2013 com a violenta remoção do presidente islâmico Muhammad Morsi pelos militares egípcios. Em ambos os casos, a cooperação germano-egípcia fortaleceu elementos repressivos. Berlim está agora construindo sobre isso novamente.

Ao mesmo tempo, o governo alemão está começando a expandir sua influência sobre a oposição egípcia, também, a fim de subordiná-lo aos seus interesses imperialistas. Os imperialistas alemães estão atualmente preocupados que a

revolução egípcia afete negativamente seus investimentos de baixos salários no Egito.

As fundações afiliadas aos partidos desempenham um papel importante nos esforços do governo alemão para aumentar a influência do imperialismo alemão no curso das revoluções nos países do norte da África. Para isso, a Fundação Adenauer estabeleceu novos contactos com os círculos de oposição e fez esforços particulares para recrutar forças islâmicas conservadoras. Como todas as outras fundações partidárias (a Fundação Friedrich Ebert do SPD e a Fundação Naumann do FDP), a Fundação Adenauer é amplamente financiada pelo dinheiro dos impostos dos cidadãos: Essas fundações trabalham em estreita colaboração com as burocracias ministeriais de Berlim. Suas atividades no meio islâmico conservador vêm em um momento em que os Estados Unidos estão iniciando uma cooperação mais estreita com a Irmandade Muçulmana, o que é prejudicial aos interesses imperialistas da Europa. As elites funcionais egípcias estão integradas à rede alemã, a fim de dar às empresas alemãs acesso a conhecimentos exclusivos e a novos mercados no Egito.

Associações empresariais alemãs estão empurrando o Egito para uma desregulamentação de longo alcance de sua economia em favor de corporações estrangeiras. Se dependesse dos imperialistas alemães, o Cairo teria que abrir ainda mais o mercado egípcio e reduzir os subsídios que beneficiam ao mínimo as regiões pobres da população. É isso que as associações federais da indústria alemã (BDI) e atacadistas e comércio exterior (BGA) estão pedindo. Greves também devem ser contidas, dizem os círculos da empresa; Sindicalistas alemães poderiam actuar como modelos para o "comportamento de parceria social" (!) É aqui que os Friedrich-Ebert-Stiftung do SPD e a federação sindical alemã entram em jogo por influenciar os sindicatos sociais fascistas no Egito.

Apesar dos protestos em curso nos países árabes, as empresas alemãs continuam a fornecer aos regimes lá tecnologia de repressão. No final de fevereiro, várias empresas da República Federal da Alemanha apresentaram tecnologia de ponta para controlar a Internet em uma feira em Dubai voltada para serviços policiais e secretos do Oriente Médio e da África. Também foram oferecidos produtos para localização de celulares e espionagem em discos rígidos de computador. A exportação da chamada tecnologia de segurança é considerada por empresas alemãs bastante lucrativa: o Ministério da Economia estima que o mercado global de segurança em cerca de 100 bilhões de euros por ano - com uma tendência de alta - vem apoiando a indústria de repressão alemã desde novembro de 2010 com uma nova "iniciativa de tecnologia de segurança de exportação". Foi apenas em janeiro que o Secretário parlamentar de Estado do Ministério da Economia, Hans-Joachim Otto, ficou para falar sobre projetos de segurança nos Emirados Árabes Unidos. O software espião alemão foi entregue ao serviço de inteligência doméstica egípcio.

Enquanto o governo alemão tenta dar ao público a impressão de que apoia os movimentos da democracia árabe e adverte o governo fascista de Al-Sisi para "moderado", está cada vez mais seguindo sua política imperialista no mundo árabe.

Uma vez que a hegemonia dos EUA e da UE sobre as áreas de recursos do Oriente Médio está ameaçada pela China e pela Rússia, o governo alemão não se esquivava de continuar sua política imperialista por meio da força militar.

Revisão da tradição histórica do saque do Egito pelo imperialismo alemão

O que os soldados alemães estão fazendo na África, excepto para travar uma guerra criminosa de agressão?

Como todo imperialista, tenta-se roubar, saquear e subjugar um povo estrangeiro à força das armas.

Há fotos suficientes de policiais egípcios que posam com sua saudação a Hitler e que estão até orgulhosos disso. Alguns líderes nazistas fugiram da Alemanha para Cairo para escapar de serem punidos por causa de seus crimes de guerra.

Os militares egípcios e os Mukhabarat não foram apenas apoiados pela República Federal na década de 1950. Após uma interrupção resultante de uma mudança na política externa nos Estados Unidos, eles têm recebido armamentos e treinamentos novamente na República Federal desde o final da década de 1970. O pano de fundo são considerações geoestratégicas para controlar as áreas de recursos do Oriente Médio. O apoio continuará, portanto, apesar das atuais alegações de tortura.

A República Federal da Alemanha começou logo após a Segunda Guerra Mundial com medidas para treinar e armar as forças armadas egípcias - usando ex-oficiais da Wehrmacht e das SS. Estes estavam ativos no Cairo com a aprovação dos Estados Unidos.

Entrega de submetralhadoras ao Egito. As armas alemãs contribuem, assim, para as tensões duradouras na área.

O governo federal é o sucessor legal direto dos saqueadores de tesouros culturais egípcios, toneladas das quais foram levadas para Berlim ou destruídas pelas forças armadas alemãs. Berlim está, portanto, em uma disputa com o governo egípcio. De acordo com a opinião de Berlim, tesouros roubados da história egípcia passaram para a posse alemã "através da passagem do tempo". A aparição de Berlim atesta a arrogância dos ladrões imperialistas e é condenada pelo proletariado mundial, combinada com a exigência de que as mercadorias saqueadas pela guerra sejam devolvidas imediatamente. Chega de bloqueio cultural do governo federal contra o povo egípcio!

Especialistas em armamentos alemães já estavam envolvidos em uma luta por influência sobre o exército egípcio nas décadas de 1950 e 1960. Até 1963, ex-funcionários nazistas participaram do desenvolvimento de mísseis egípcios com a aprovação (!) do governo alemão.

Após a Segunda Guerra Mundial, milhares de nacional-socialistas fugiram da Europa. O que era desconhecido há muito tempo: Egito e Síria contrataram dezenas de homens nazistas e criminosos de guerra do Terceiro Reich. Submerso após a Segunda Guerra Mundial, coberto pela Igreja Católica e finalmente atraído para o Oriente Médio. Tornaram-se agentes do serviço secreto, generais, conselheiros de

propaganda ou lobistas de armas. Eles deveriam construir um exército árabe, um exército de milhões. Um exército que deveria ter uma estrutura uniforme de comando e uma doutrina militar fascista. Isso parecia importante para os líderes da Liga Árabe como um primeiro passo para a federação de seus estados. O assunto em si era ultra secreto. Apenas o rei Faruk e Adel Sabit, os líderes da Liga Árabe e o Estado-Maior do Exército Egípcio foram informados de que o nazista Schmitt veio para o Egito com mais de 70 nazistas alemães em seu rastro.

Em 1951, o irmão do rei Faruk convidou um homem para o Egito que, como o principal gerente do gigante industrial alemão Reichswerke Hermann Göring, havia organizado um trabalho escravo maciço na Tchecoslováquia. Seu nome: Wilhelm Voss. Ele tinha dois empregos. Ele deveria desenvolver a indústria de armas egípcia. Isso incluiu engenheiros de Borsig, Rheinmetall e Krupp e técnicos de foguetes que tentaram em vão construir um foguete para o Egito. Eles eram subordinados a Voss e seu secretário Josef Tiefenbacher, um ex-homem das SS da equipe próxima de Heinrich Himmler, e se reuniram em salas do Ministério da Guerra egípcia. O chefe era Wilhelm Fahrmbacher, um ex-general de artilharia, seu escritório era ao lado do chefe de estado-maior do exército egípcio. Os nazistas importados estavam envolvidos em todos os ramos militares. Assessoria tática e operacional, treinamento em armas, reorganização do recrutamento, treinamento prático, armazenamento de armas. Os egípcios foram treinados pelos oficiais alemães para operações das forças especiais - como uma espécie de **blitzkrieg** ou **luta noturna**. Durante a guerra, muitos egípcios admiravam o general nazista Rommel, histórias sobre os colonialistas ingleses que eram odiados pelos egípcios por serem o poder imperialista de ocupação. Os egípcios se colocaram sob a proteção dos nazistas para se livrarem dos ocupantes britânicos. Após a guerra, o governo federal explorou essa simpatia egípcia pela Alemanha por seus próprios interesses imperialistas. O Ministério dos Assuntos Económicos estava muito interessado em contactos com o grupo consultivo militar egípcio dos nazistas, porque esperavam que isso resulte em contractos económicos lucrativos a serem concedidos a empresas alemãs. Em 1951, Voss precisava de máquinas, meios de transporte e todos os tipos de equipamentos que havia importado da Alemanha para o desenvolvimento da indústria de armamentos egípcios. O Ministério dos Assuntos Económicos alemão o apoiou, facilitando a saída do país e recomendando certos especialistas. Voss ordenou produtos alemães para equipar o exército egípcio. Outros instrutores militares logo descobriram um chamado ainda mais lucrativo: como representante dos negócios alemães. Na década de 1950, a Alemanha tentou reconstruir. A indústria estava procurando clientes. E os países árabes libertados do domínio colonial eram um mercado promissor para eles. No geral, muitos, incluindo ex-nazistas, trabalharam como representantes de empresas alemãs no Oriente Médio, e alguns também usaram a imagem nazista para seus negócios corporativos. Há um relatório de um empresário que fez uma saudação a Hitler porque ele pensou que promoveria negócios. Mercedes-Benz, VW, Siemens, Quandt fizeram negócios com o Egito. Voss aconselhou o especialista em armas Flick e o fabricante de aeronaves Heinkel no mundo árabe. Em meados da década de 1950, no entanto, a

situação mudou. Gamal Abdel Nasser assumiu o poder no Egito em 1954. Ele se voltou para o imperialismo social russo. Em setembro de 1955, ele assinou um acordo de fornecimento de armas com a URSS. As armas vieram através da Tchecoslováquia. De acordo com um relatório do BND, Voss também desempenhou seu papel nessas transações reativando seus contactos anteriores com a Tchecoslováquia. Os antigos contactos da época da Segunda Guerra Mundial permitiram que os antigos nacional-socialistas continuassem a guerra contra a França e a Grã-Bretanha e permanecessem fiéis às suas convicções sem medo de punição. No entanto, o Serviço Federal de Inteligência os cortejou: "M. Com a orientação e orientação corretas, provavelmente seria positivo para a República Federal em todo o mundo árabe. ... Se possível, então procure ganhar M. para nós a longo prazo!" Em 1956, Mertins tornou-se um BND (empregado, Beisner em 1957. Nem mesmo o presidente do Egito, Nasser, queria ficar sem os antigos nacional-socialistas inteiramente. Joachim Deumling, ex-chefe da Gestapo, tornou-se conselheiro de segurança do serviço de inteligência egípcio. E em 1956, um dos famosos propagandistas nazistas de Joseph Goebbels veio ao Cairo para o Departamento de Propaganda: Johann von Leers. O Serviço Federal de Inteligência (Serviço Secreto Alemão) recrutou-o como fonte, codinome: "Nazi-Emi - Goebbels". O instrumento central do Terceiro Reich foi o rádio, que espalhou a ideologia nazista na língua árabe local diariamente no norte da África e no Oriente Médio. No Egito, na década de 1960, ele mais uma vez recrutou alguns funcionários científicos do Terceiro Reich para construir foguetes. Artur Schmitt, o general que começou tudo no Egito, voltou para a Alemanha. Ele entrou para a política e em 1966 tornou-se um membro do NPD (Partido Nazista Alemão) no parlamento estadual bávaro. Ele posou nos cartazes da eleição com uniforme da Wehrmacht com uma águia nazista e suástica.

A construção de foguetes egípcios com a ajuda dos nazistas importados também foi uma ameaça direta à burguesia israelense. De acordo com documentos do serviço secreto israelense, este último contratou (!) um dos notórios criminosos nazistas - o oficial da Waffen SS Skorzeny. Em nome do Mossad, ele assassinou o técnico de foguetes nazista Heinz Krug, que estava a serviço dos militares egípcios. O corpo de Krug foi queimado com ácido em uma floresta perto de Munique e enterrado lá. Como agradecimento, Israel excluiu o nome Skorzeny de seu "registro de procurados" de criminosos nazistas perseguidos.

Este é o pano de fundo histórico contra o qual a Seção Alemã e Egípcia da Liga dos Lutadores da Frente Vermelha tem que trabalhar em conjunto para rasgar as raízes do fascismo em nossos dois países para sempre.